

O DESCENTRAMENTO DA MULHER EM A SOMBRA DO PATRIARCA, DE ALINA PAIM

ANA MARIA LEAL (UFS)¹

O ponto de partida para estas reflexões é um trabalho que apresentei no III Colóquio Nacional de Representações de Gênero e Sexualidades, na UEPB, ocasião em que tracei um panorama da obra da escritora sergipana ainda desconhecida Alina Paim, destacando sua importância para os estudos de gênero e para a história da literatura sergipana.

Através da leitura de alguns textos de autoria feminina percebe-se claramente a recorrência do tema da família e suas implicações no processo de formação da identidade da mulher. Vale lembrar que a tradição nos oferece um caminho que se bifurca entre dois mundos: o do amor e o da família. Em ambos, Eros se manifesta na qualidade de doação e cuidados para com a casa, os filhos, o homem; o que reitera a idéia de que a dedicação é a grande felicidade que espera a mulher na vida. Como já observou Elódia Xavier: A família como lugar de adestramento para a adequação social é, muitas vezes, a responsável pelos conflitos narrados; o regate da infância, retomando a família de origem, torna visível a ação repressora do condicionamento familiar (XAVIER, 1998, p. 13-14).

As representações de conflitos de natureza familiar marcaram a narrativa brasileira de 1920 para cá, sobretudo, nas obras produzidas por mulheres, vítimas dos efeitos repressivos do processo de socialização; o texto produzido por Paim traz a marca dessa opressão. Essa escritora sergipana, altamente politizada, representa uma ruptura significativa na trajetória da narrativa de autoria feminina; de forma irônica tece questionamentos acerca do modelo patriarcal onde a mulher fica reduzida ao espaço privado.

A sociedade patriarcal tem na dominação tradicional seu estatuto de legitimidade. Nesse modelo de sociedade, o poder decisório é, geralmente, regulado pela tradição ou depende do arbítrio do senhor. Essa situação perdurou durante muito tempo, porém, com o avanço das condições econômicas, sociais e culturais, com a evolução das discussões sobre o sujeito feminino e identidade e com o reconhecimento de práticas discursivas fundamentadas na desconstrução de um binarismo androcêntrico, a posição da mulher foi se transformando gradativamente, e a literatura segue mostrando essa “metamorfose”. É nesse contexto que o pensamento feminista – destaque-se aqui o da escritora Alina Paim – se impõe como uma das características mais proeminentes da contemporaneidade e como possibilidade de colocar em evidência a voz desse segmento desqualificado, recuperando sua significação e sua realidade histórica.

A obra literária, ao criar um mundo ficcional de representações da realidade, permite repensar circunstâncias de vida, revitalizando-os sob novos enfoques. Segundo Culler “A literatura representa, [...] de uma maneira potencialmente intensa e tocante, o arco estreito de opções historicamente oferecidas às mulheres e, ao tornar isso visível, levanta a possibilidade de não se aceitar isso sem discussão” (CULLER, 1999, p. 45).

¹ Prof. Adjunto de literatura da UFS. Doutora em Literatura comparada (UFAL). Líder do grupo de pesquisa Estudos de Literatura e de Cultura. Organizou, com Carlos Magno Gomes, o livro *Do imaginário às representações na literatura*, São Cristóvão: Ed. da UFS, 2007.

Dentro desse perfil questionador, podemos enquadrar a obra de Paim, uma escritora comprometida com a história, a partir do ponto de vista feminino, dando voz às personagens que são capazes de subverter os padrões sociais e estruturais e instalar o caos na ordem patriarcal.

Em *A sombra do patriarca* (1950), Alina Paim retrocede no tempo para fazer um relato ficcional do Nordeste na década de 30. Ela aborda a condição feminina ante a uma sociedade falocêntrica, que nega à mulher o direito de desfrutar de “um teto todo seu”, de ser dona da sua própria vontade. Observa-se que o motivo mítico da “viagem” embala a busca feminina de Raquel, a protagonista, que vai da fazenda Fortaleza ao Curral Novo em busca da sua independência. A partir desse mote, pretende-se analisar a jornada de transformação de Raquel.

Alina Paim, ao construir o universo ficcional de *A sombra do patriarca*, se volta para o espaço doméstico, priorizando as relações familiares – elementos estruturantes dos conflitos narrados – em que se pode ver a mulher na condição de subordinada, e a sua luta para se desvencilhar das amarras que a mantêm presa ao condicionamento familiar. Nossa análise está dividida em dois momentos. No primeiro, analisa-se as mulheres do romance, enfatizando a opressão do patriarca, Ramiro. Todas elas são submetidas a um constante processo de vigilância e controle dos valores que prega a família patriarcal. Esse painel de mulheres mostra a riqueza ficcional de Paim, que não descreve apenas a mulher submissa, pois propõe uma reflexão para a mudança. Na segunda parte, baseada nos aportes teóricos da crítica de gênero mostraremos que Raquel congrega não somente o ideal feminista, como também ilustra as etapas da jornada psicológica da heroína estabelecida por Jung e refutada pela estudiosa da mitologia, Annis Pratt.

A sombra do patriarca está dividida em dois momentos: o primeiro, diz respeito à estada de Raquel na Fortaleza, ocasião em que é acometida de um forte impaludismo, tendo que estender sua visita por três semanas. A doença serve como pretexto para que ela aprenda um pouco mais sobre aquela gente que lhe parecia estranha: “Depois das três semanas retida na cama, prisioneira entre aquelas pessoas estranhas e de atitudes duvidosas” (PAIM, p. 14), ela se depara com um mundo obscuro e opressor, bastante diferente daquele que conhece na cidade grande, em que a família urbana já se ajustou aos novos papéis que as transformações sócio-econômicas impuseram às mulheres. Dentre essas, destaca-se a extensão da instrução a crescentes contingentes femininos, alargando, assim, os horizontes culturais da mulher. O segundo momento diz respeito à fazenda Curral Novo, local pobre e primitivo, uma outra propriedade do Sr. Ramiro explorada pela família da sua irmã caçula D. Celina.

As mulheres das sombras

O universo ficcional desse romance é bastante amplo, incorporando mulheres de várias classes sociais, que vivem sob as rédeas do patriarca. Este artigo analisa o grupo feminino que tem uma relação direta com Raquel, a protagonista. As principais figuras femininas desses encontros e desencontros familiares são as primas: Leonor, Anita e Alzira; as tias: Amélia, Tereza e Celina; e suas referências de liberdade: a avô Donana e a professora Gertrudes.

O núcleo dramático gira em torno da luta de Raquel contra a forma abusiva e opressora de Ramiro lidar com as pessoas, e, em especial, com as mulheres, cativas dos seus caprichos, vontades e poder. Raquel, a narradora, descreve-o como um: “Senhor feudal. [...] um patriarca, domina a família inteira – os irmãos, esposa, os filhos, genros, netos, sobrinhos” (PAIM, 1950, p. 58); tenta associá-lo a Labão, figura da História Sagrada que usou a autoridade para obrigar o sobrinho a quatorze anos de trabalhos, para ter permissão de casar com a mulher a quem amava. Mas o homem poderoso da Idade Média “ficou mais apagado, não teve a mesma projeção [...] Leonor tem razão, tio Ramiro vai mais longe, sua vontade dobra centenas de vidas e vidas de estranhos” (PAIM, p. 8-9).

Dentre as diferentes faces da mulher mostrada no romance, destaca-se o universo das tias de Raquel. A primeira, Amélia, esposa de Ramiro, ilustra a mulher ideal para o imaginário patriarcal. Ela é vista como a mãe extremosa, pura, alma da família, agente educador da infância. Sua conduta é exemplar para a família, porém para Raquel é humilhante. Raquel não compreende como ela consegue defender a vivacidade do olhar no “decorrer de tantos anos subjugada ao lado do marido, sempre asfixiada por sua vontade de ferro que não perdoava ter-lhe dado uma filha em vez de um menino tão desejado. Vivia para o marido” (PAIM, p. 17). Amélia significa para o patriarcado seu ponto pacífico. Conforme Susan Besse, os deveres das mulheres precisam ser permanentemente agradáveis a seus maridos, e, “Ao tornar essa tarefa sua “principal preocupação”, seriam capazes de realizar “milagres” e teriam garantida a felicidade conjugal. Contudo, ser agradável ao marido constituía tarefa árdua” (BESSE, 1999, p. 78).

A segunda tia de Raquel é Teresa, que foi desprezada pelo pai na infância, revela-se na adolescência bastante astuta, dominadora. Seu comportamento se aproxima das atitudes castradoras do patriarca, Ramiro. Muitas vezes assume as rédeas da fazenda quando da sua ausência. Tendo passado da idade de casar, Ramiro arranja-lhe um casamento com um rapaz pobre, de boa família, porém, portador de um diploma: “Ramiro tinha vencido mais uma vez: a filha estava casada com um homem instruído, um bacharel” (PAIM, p. 28).

Passados alguns anos, Tereza se revela totalmente diferente daquela esposa com quem Oliveira havia contraído matrimônio, não se importando nem mesmo com a maneira fria e opressora com que o pai a tratava. Tem com ele três filhos: Leonor, Anita e Abelardo. Quase nunca dava atenção a mais velha por achá-la muito próxima do pai, e, embora lute para não demonstrar o ciúme que nutria em relação aos dois, acaba deixando escapar, delegando culpa à menina: “não sei a quem Leonor saiu. É diferente de todas nós, retraída, silenciosa, quase nunca se refere ao que deseja. Dá-nos a impressão em certas ocasiões de que somos estranhas” (PAIM, p. 38).

A terceira referência familiar que vamos destacar se opõe as duas primeiras, pois se comporta como a mulher anjo. Sua tia Celina, casada com Olavo, era “bondosa e doce, uma figura do passado, perdida naquela casa grande cercada de varandas, plantada no morro, a dominar a paisagem” (PAIM, p. 120). Porém, não se distancia das outras mulheres cujas identidades são construídas a partir dos ditames patriarcais, na sua opinião: “A mulher foi feita para sofrer calada, olhando os seus, se tem um bocado na boca dos filhos, o coração está contente” (PAIM, 1950, p. 213).

As primas de Raquel fazem parte desse painel de mulheres oprimidas pelo poder Patriarcal. Anita e Alzira são tradicionalmente educadas para o casamento, destino com o qual se mostram satisfeitas. Para a mãe, Anita é a “filhinha do coração”, pois parece perfeita: “Anita é mais dócil, é para mim um livro aberto. Habitou-se desde pequenina a contar-me tudo. Com esta, meu coração está tranqüilo” (PAIM, p. 39). Anita parece ser um

desdobramento da mãe e da avó Amélia: nascida “encantadora menina”, crescia “casta donzela” e filha obediente, para tornar-se fiel esposa e mãe dedicada, merecedora do título “rainha do lar”, por que outro cetro a sociedade não lhe admitiria. Apresenta os requisitos fundamentais para submeter-se, sem contestação ao poder do patriarca, alindo à ignorância uma imensa imaturidade.

Ao treze anos, Anita já se preparava para o casamento prematuro, que, embora, muitas vezes um desastre, era uma prática da sociedade vigente. A esse respeito destaca Saffioti: “Era normal que aos quinze anos a mulher já estivesse casada e com um filho. Educadas em ambiente rigorosamente patriarcal, essas meninas-mães escapavam do domínio do pai para, com o casamento, caírem na esfera de domínio do marido” (SAFFIOTI, 1984, p. 168).

Alzira, outra prima de Raquel, também havia experimentado no passado o poder de seu tio Ramiro que a proibiu de casar-se com um homem pobre apenas para não diminuir a dignidade da família, tornando-a amarga, silenciosa, voltada tão somente para a máquina de costurar. Sua única diversão era cuidar da afilhada: “somente nas ocasiões em que estava cuidando de catita, Alzira se tornava mais humana e diminuía um pouco a distância que a separa das outras pessoas” (PAIM, p.139).

Leonor não se comporta de acordo com as regras do Patriarcado. Ela está na contra-mão do casamento assim como Raquel. Além da instrução do lar, as meninas freqüentavam escolas que ofereciam o segundo grau. Leonor e Raquel, por exemplo, sonhavam seguir carreira na medicina e na magistratura, respectivamente. Todavia, não recebiam o apoio da do tio Ramiro: “Raquel você deve sentir-se feliz de ser professora. Seu pai fez muito sacrifício para educá-la [...] advocacia não foi feita para mulher” (PAIM, p. 46).

Um terceiro bloco de mulheres dialogam com o processo de transformação de Raquel. São as mulheres que se opuseram ao poder do Patriarca. A professora Gertrude incentiva leituras críticas e de formação diferente daquelas que tinham na fazenda. Por exemplo, indicava Tolstoi, *Ressurreição*: “para lhe abrir as idéias” (PAIM, p.49), o que de fato procedeu: “Para mim tornou-se o mais poderoso que qualquer livro conhecido até aquele momento [...] Abriu uma clareira no horizonte, anunciando que a aurora não estava longe e que havia uma promessa de renascimento” (PAIM, p. 11). D. Gertrudes parecia conhecer a origem de todos os males sociais, para ela, residia precisamente na ausência de uma educação capaz de curar as “chagas gangrenadas da sociedade”. E por educação entende “a ampliação da solidariedade humana, da abertura de espaços para o Outro, do amor e da virtude entre as pessoas” (PAIM, p. 52). O motor capaz de impulsionar tudo isso não é outro senão a perseverança.

O discurso da professora parece assumir o caráter do desabafo autoral, Paim lança um “novo olhar” sobre a realidade feminina centrada no nordeste brasileiro, na tentativa de conscientizar o leitor acerca dos males sociais que arrastam a mulher para a condição de explorada. Mas é preciso observar que este comportamento estava longe de ser o da revolta; ao contrário, ele consistia precisamente no reforço de um ideal feminino de conquista de espaço, porém, de forma pacífica. Ao tecer o discurso da personagem Gertrudes, Alina Paim, que também era professora primária, estava convencida da capacidade intelectual e da superioridade moral feminina.

Entre as mulheres fortes, Raquel tem na figura de Donana, a avó paterna, a melhor referência para sua busca de liberdade. O comportamento de Donana alimenta o mito da fortaleza feminina, da amazona nordestina que não se deixa levar pelas “normas” da família. Não se dobrou nem mesmo ao irmão mais velho: “Viúva e com oito filhos homens

pequenos ainda, recusou o auxílio de Ramiro para não ser obrigada a dobrar-se. Sofreu e trabalhou, mais criou os meninos sem recorrer a ninguém, de cabeça erguida” (PAIM, 1950, p. 133). Essa personagem, o duplo da heroína, vem somar-se a Raquel, Leonor e D.Gertrudes, para compor um quadro representativo da luta feminina contra os padrões tradicionais, em cuja extremidade oposta estão Amélia, Teresa, Anita e Celina.

Essa obra evidencia que a construção da identidade feminina encontra-se mediada por um sistema de representações culturais de características patriarcais e androcêntricas, tidas como naturais, ou seja, fundadas para que essa construção se efetive. Weber considera a dominação como “a probabilidade de encontrar obediência para ordens específicas (ou todas) dentro de um determinado grupo de pessoas” (WEBER, 2004, p. 139). Entre as diferentes categorias de dominação, de acordo com seu fundamento primário, é a tradicional que auxilia no entendimento da situação feminina.

A jornada de transformação de Raquel

O romance *A sombra do Patriarca* nos apresenta uma busca feminina que mimetiza uma trama psicológica em que o ego (herói) sofre uma transformação coordenada pelo Self, responsável pela caracterização individual de cada pessoa, visando a uma melhor adaptação nas diferentes fases do desenvolvimento psicológico.

Nesta obra Raquel encarna a heroína, a contrapartida do herói, a imagem redentora presente no inconsciente coletivo. Sua luta reflete o drama da mulher que, mediante uma tomada de consciência dos problemas existenciais, sociais, das questões familiares, dos erros provocados pelos sistemas opressores, preconceituosos, e violentos, consegue, superar as adversidades pessoais, criando estratégias para superar o “dragão” da inconsciência, representado no contexto da história pela Usina: “o monstro que vomita golfadas de fumaça escura” (PAIM, p. 34). Ao assumir a missão heróica de servir a coletividade, lutando para mudar mentalidades, a Raquel percorre o labiríntico caminho da transformação psicológica, assumindo a sombra (os conteúdos reprimidos), abrindo espaço para um convívio criativo e salutar com o Outro.

Baseada no paradigma mítico estabelecido por Annis Pratt (apud Downing, 1999, p. 205), entendemos que Raquel empreende uma busca social, própria da heroína jovem que está sempre tentando livrar-se da opressão do patriarcado. Segundo Pratt, a heroína jovem anseia pelo *mundo verde* (motivo de busca, e reduto arquetípico de bem-estar), cruza o *limiar* para alcançá-lo, deixa o patriarcado, evita a identificação com a mãe (combate o dragão da inconsciência) e realiza o Eros, (casamento sagrado); cumpridas todas estas etapas a heroína une as partes opostas de si mesma.

No contexto da trama de *A sombra do patriarca* temos a jovem Raquel que anseia fugir para um lugar que a liberte dos padrões patriarcais e que lhe permita se conhecer. Antes de partir, Raquel recebe uma espécie de “adestramento” por parte do pai, que visava a informá-la sobre os costumes do tio: “É preciso a todo custo observar as pessoas e medir gestos para não desgostar ninguém [...] Tio Ramiro é exigente, repara as menores coisas e não perdoa a mais leve contradição” (PAIM, p. 12).

A viagem que geralmente tem o caráter de prazer/lazer traduz-se em angústia e expectativa: “em meu espírito fora traçando-se uma personagem exótica que despertava em mim um desejo grande de conhecer meu tio, para saciar a curiosidade que há dias vinha crescendo, alimentada por mil e uma recomendações” (PAIM, p. 12).

O convite do Tio reproduz, do ponto de vista junguiano, a “mensagem” enviada pelo Self, para que o ego (tomado como herói) siga em busca de crescimento, visando a uma realização da Totalidade psicológica. A casa dos pais, portanto, *mundo verde* é o espaço da liberdade que proporciona o retorno ao útero, à infância, está representado pela casa paterna de onde a personagem partiu. Ao “cruza o limiar” que separa os mundos do pai e o da mãe ela “desata” os laços que a mantêm presa a esta última, aqui representada pelas mulheres submissas, principalmente, as tias e a prima Anita. Do ponto de vista da Psicologia profunda, a mãe significa perigo para o ego em desenvolvimento, por ser um modelo tradicional que não deve ser copiado. Para Goretti Ribeiro (RIBEIRO, 2006, p. 24), o mundo da “Mãe Terrível” é vigiado e os caminhos que levam até ele são tortuosos. A narrativa enfatiza que Raquel sofre enquanto viajava para a casa do tio Ramiro: “Que viagem horrível, meu deus!” (PAIM, 14), o exterior reflete o interior da psique, em transformação. Seu sofrimento reflete as peregrinações de todo iniciado, ao empreender a jornada de transformação.

A fase seguinte diz respeito ao confinamento no patriarcado; é uma fase que ameaça fechar as portas do Self, a porção organizadora da psique, responsável pelo confronto do ego com a sombra. A sombra é definida por Jung como “um desfiladeiro, um portal estreito cuja dolorosa exigüidade não poupa quem quer que desça ao poço profundo. Para sabermos quem somos, temos que conhecer-nos a nós mesmos” (JUNG, 2000, p. 44). Considerando-se que a sombra é sempre do mesmo sexo do sonhador, e que se refere aos aspectos reprimidos da personalidade, entendemos que Teresa e Amélia, submissas e prontas a defenderem seu *status quo*, são projeções do arquétipo da sombra de Raquel, aspectos de si mesma que precisam ser introjetados na sua personalidade. Para Jung, a sombra nem sempre é negativa, ela pode apontar uma saída para a “cura”. A narrativa enfatiza um momento intuitivo de Raquel: “tivera um pressentimento de que as férias não terminariam sem um acontecimento decisivo que mudasse por completo o rumo de minha vida” (PAIM, p. 137).

Annis Pratt defende que nesta fase é comum a mulher buscar o complemento erótico com um amante para a realização da Totalidade, o que pode contribuir para seu afastamento da família. Durante sua estada no Curral Novo, espaço da liberdade: “em que se podia ficar horas esquecidas gozando em silêncio a paz que envolvia as pessoas e a casa” (PAIM, p. 120), Raquel se apaixona por Oliveira, o *enamorado do mundo verde* (a porção masculina redentora), que corresponde ao arquétipo do animus, a contraparte sexual da heroína. A velha trama da subserviência feminina motivada pela opressão masculina ganha uma nova configuração no romance de Paim. Raquel não internaliza a ideologia patriarcal, não se entrega a vitimização, ao contrário, constrói uma nova história do feminino.

Considerações finais

O romance *A sombra do patriarca*, prova ser fruto de uma consciência autoral amadurecida que discute o descentramento da identidade feminina. As personagens Raquel, Leonor e Donana são um testemunho da emergência de um “novo modelo” de mulher, aquele que se encontra no extremo oposto dos ideais da sociedade patriarcal, revelador da luta feminista, da não submissão do elemento feminino. A escritura de Paim se antecipa e rompe, já nos anos cinquenta com o modelo tradicional, mostrando que essas mulheres “transgressoras”, entendidas como fonte do pecado, serpentes, propiciadoras da desordem, são representações da completude humana, a outra face da mesma moeda.

Seu discurso ficcional tem a feição de um discurso renovado, em relação à literatura de produção feminina anterior, pois apresenta suas idéias sobre a condição feminina, de modo geral, “a narrativa apresenta uma nova visão da mulher que, através de uma forma contestadora de atuação no mundo, subverte os padrões comportamentais tradicionalmente exigidos do *segundo sexo*” (CARDOSO, 2007, p.294).

Assim, ao criar um mundo ficcional de representação da mulher da mulher de diferentes ângulos, a obra de Paim permite repensar circunstâncias de vida, revitalizando-as sob novos enfoques. Para terminar vale destacar do cuidado que a autora tem em construir o processo de individuação de Raquel, que cumpre as etapas desse processo: mergulha no inconsciente (representado pelas fazendas), enfrenta as sombras (a submissão ao patriarcado), realiza as sizíguas (a união com o masculino superior, o animus) e celebra a *participation mystique* com os seus pares (Leonor, Gertrudes e sua avó Donana), completando tanto o ciclo mítico do herói, quanto a sua individuação, uma vez que abandona velhos padrões existenciais, avalia aquilo por que luta, funda novas formas de vida que revitalizam a tradição.

Referências

BESSE, Susan. **Modernizando a Igualdade**. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Edusp, 1999.

CARDOSO, Ana Maria Leal. Uma leitura feminista da narrativa de Alina Paim. In: SILVA, Antônio de Pádua. **Questões de gênero**. Campina Grande: Eduerp, 2007.

CULLER, Jonathan. **Teoria literária: uma introdução**. Tradução de Sandra Vasconcelos. São Paulo: Beca Produções Culturais, 1999.

DOWNING, Christine. **Espelhos do self**. Tradução: Maria Silvia Mourão Netto. São Paulo: Cultrix, 1999.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos do inconsciente coletivo**. Tradução de Maria Luíza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva. Vol. IX, Petrópolis: Vozes, 2000.

PAIM, Alina Leite. **A sombra do patriarca**. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1950.

RIBEIRO, Maria Goretti **A via crucis da alma**. João Pessoa: Editora Universitária, 2006.

SAMARA, Eni de Mesquita. **A família Brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

SILVEIRA, Nise da. **Jung: vida e obra**. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

XAVIER, Elódia. **O declínio do patriarcado**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1998.

